

ENCONTROS PELA DIVERSIDADE

SILVA, Gabriela Leite de Almeida e¹
SILVA, Cleusa Gomes da²

RESUMO

O Encontros pela diversidade, é uma iniciativa que, em conjunto com entidades e instituições de Foz do Iguaçu procura difundir o debate acerca da diversidade. Seja ela cultural, de gênero, de sexualidade ou de corpos. Em parceria com 21 instituições de Foz do Iguaçu, o Encontros propõe-se a formar pessoas e grupos institucionais para discutir pluralidades dentro dos contextos em que estão inseridas. A partir da junção teórica e prática sobre temas como homofobia, lesbofobia, transfobia, gordofobia e racismo; pretende-se levar essas discussões para dentro e fora do ambiente universitário. O curso de formação, funciona ao buscar ampliar o conhecimento sobre políticas públicas, debatendo formas de auxiliar grupos tidos como marginalizados a terem acesso a universidade pública e já dentro, contarem com a ajuda da instituição para conseguirem terminar a graduação

Palavras-chaves: diversidade, respeito, formação

1 INTRODUÇÃO

Com a ampliação dos discursos sobre questões identitárias ampliou-se também a necessidade da criação de espaços em que esses temas possam ser debatidos e incluídos em diferentes contextos, auxiliando pessoas que estavam fora dessa discussão a serem introduzidas a debates que ajudem a entender quais são as principais demandas e prerrogativas de diferentes grupos pluriversos, proporcionando assim, ambientes mais inclusivos para todos.

O projeto Encontros pela Diversidade, a partir desta demanda, busca expandir a discussão sobre lesbofobia, homofobia, transfobia, gordofobia, racismo e violências contra a mulher através de eventos, oficinas formativas, palestras e ações que impliquem diretamente em instituições de Foz do Iguaçu, tratando do tema da diversidade a partir de uma perspectiva mais ativa além de informativa. Firmando parcerias com instituições e entidades da região, formou-se através de quadros temáticos, cerca de 21 entidades, que a partir da perspectiva dos próprios grupos diversos, descobriram novas formas de expandir esses debates para as suas comunidades.

¹ Estudante do Curso de Letras, artes e mediação cultural - ILAACH – UNILA; bolsista PROBEX. E-mail: gla.silva.2017@aluno.unila.edu.br.

² Docente do – ILAACH – UNILA. Orientador de Gabriela Leite de Almeida e Silva (PROBEX). E-mail: cleusa.gomes@unila.edu.br.

2 METODOLOGIA

O projeto se propôs a reunir periodicamente, organizações, instituições e entidades da região para debater sobre diferentes formas de ampliar o debate sobre a diversidade. Discutindo ações e estratégias para levar essas temáticas, ao longo dos anos em que se seguiu o projeto, foram organizadas palestras, oficinas e ações da coordenadoria do projeto. A primeira parte, organizou-se uma palestra na UNILA com a presença da doutora trans Megg Rayara onde se discutiu questões de gênero, homofobia e transfobia, além de questões de raça e classe.

No segundo semestre, a formação, feita no SISMUFI de Foz do Iguaçu, consistiu na criação de oficinas temáticas construídas a partir de bases teóricas e de vivências dos organizadores e participantes, desta vez tratando sobre feminismo e questões étnico-raciais. As oficinas foram feitas a partir de debates, aporte de estruturas audiovisuais e culturais, como teatro, poesia e música.

Igualmente, na necessidade de uma ação imediata a tentativa de vereadores da câmara de Foz do Iguaçu de revogar a lei contra a homofobia, instaurada em 2001, a coordenadoria também organizou juntamente com 22 entidades uma carta de repúdio a esse projeto de lei. Além da carta, a coordenadoria ainda conseguiu uma reunião com o presidente da câmara para discutir a questão, além das diversas manifestações dentro e fora desses espaços de poder institucional.

O Encontros também, conta com uma página no Facebook, onde busca através das redes sociais levar os debates sobre os temas tratados no projeto, dar visibilidade para a população LGBT, negra e indígena através de notícias, textos informativos, audiovisual, fotografia e divulgação de eventos ocorridos na região; além de informar a comunidade sobre as formações, oficinas e debates promovidos pelo Encontros pela diversidade, assim como também, é uma forma de compartilhar os resultados obtidos com os projetos organizados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica do curso de formação Encontros pela diversidade teve como referência os estudos que trabalham com a teoria feminista decolonial na América

Latina, os estudos da interseccionalidade, e os estudos da colonialidade/decolonialidade. Conforme as teóricas do feminismo, observa-se uma crescente interferência do feminino na cultura, decorrente de uma maior inserção das mulheres na esfera pública a partir dos anos 80 e 90 do século XX e da incorporação das idéias, atitudes e concepções especificamente femininas pelo mundo masculino marcando um processo de feminização da cultura em muitos âmbitos culturais e políticos. Um dos espaços nitidamente visíveis de como a valorização da cultura feminista tem afetado nossa sociedade, entre outros, tem se dado no âmbito da ciência e da cultura. Como demonstra Rago (2001), a constituição de uma área de estudos feministas em quase todas as universidades permitiu inovar profundamente não apenas no reconhecimento da participação das mulheres nos processos históricos, mas na crítica à própria narrativa histórica vista agora como produção sexuada ou generificada. Hollanda (1991) reitera que especificamente nessas últimas décadas o pensamento feminista surgiu como novidade no meio acadêmico e impôs-se como uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político. Justamente no momento em que o quadro epistemológico apresentava-se marcado pelas crises e pela evidência do progressivo desprestígio das narrativas mestras que vinham consolidando os tais projetos da modernidade, que se vê um interesse crescente em relação às teorias feministas e à identificação recorrente de uma insistente presença da voz feminina, como um dos traços mais saliente da nossa cultura atual. A incorporação da experiência feminina no saber acadêmico a partir de um campo epistemológico feminista tem sido marcada por uma profunda crítica aos paradigmas em que operavam o conhecimento científico, aproximando-se das teorias pós-estruturalistas que, insurgindo contra as meta-narrativas históricas e filosóficas afirmam entre outros pontos a dissolução do sujeito racional e unitário.

A epistemologia feminista encontra solo fértil com o pensamento dos filósofos da diferença: Foucault (1996), Deleuze (1992) e com os estudos culturais e (pós) coloniais de Hall (2002), Said (2007), Bhabha (2013) e Spivak (2014), que formulam uma crítica ao sujeito clássico moderno, já que as ciências humanas têm trabalhado ainda com conceitos identitários e, portanto, excludentes. Pensa-se a cultura e o social a partir de um conceito universal de homem que remete ao branco-civilizado-masculino, deixando de lado todos àqueles que escapam desse modelo de referência, hierarquizando as práticas

masculinas e heteronormativas em detrimento das práticas femininas e das diversidades sexuais.

Nesse sentido, a teoria feminista participou da formulação de um pensamento de crítica ao sujeito moderno e ocidental, ao revelar o caráter particular de categorias dominantes do conhecimento científico, que se apresentavam como universais e ao propor a crítica da racionalidade burguesa ocidental, que não se pensa em sua dimensão sexualizada e étnica. Portanto, denuncia o saber que opera na identidade masculina e excludente – e que não dá conta de pensar a diferença.

É nesse campo epistemológico que os estudos feministas passam a incorporar a categoria relacional do gênero e se afastam de uma ideia de sujeito único. À exemplo da história cultural, deixa-se de lado a preocupação com a centralidade do sujeito e o fortalecimento da identidade mulher para focalizar a análise sobre as relações sociais de gênero. Scott (1990) conceitua o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Os estudos feministas acadêmicos, embora tenham contribuído muito numa formulação crítica à modernidade ocidental não fez uma crítica radical ao pensamento eurocêntrico e colonial onde fosse possível pensar os feminismos negros, islâmicos, indígenas e fronteiriços. Nesse sentido essa crítica profunda veio dos estudos da decolonialidade e dos estudos dos chamados “feminismos descoloniales del Sur” e que desdobrou-se atualmente na Red Feminismos Descoloniales del Sur em conjunto com as estudiosas feministas da África e da Ásia.

Tentamos nessa perspectiva aproximar os estudos da teoria descolonial de Quijano (2003), Grasfoguel (2010) e as teóricas feministas da América Latina como os trabalhos inovadores de Bidaseca (2010) como o livro *Pertubando el texto colonial. Los estudios (pos) coloniales em América latina e Feminismos y poscolonialidad, Descolonizando el feminismo em y desde la América latina* (2011) e a coletânea organizada pelas autoras Navaz y Castillo, *Descolonizando el feminismo. Teorías y prácticas desde los márgenes* (2008), além das originais reflexões da antropóloga Rita Segato (2012) com textos sobre gênero e colonialidade. Nessa perspectiva da teoria da colonialidade Edgardo Lander (2000) afirma que a busca de alternativas à conformação profundamente excludente e desigual do mundo moderno exige um esforço de desconstrução do caráter eurocentrado da sociedade capitalista-liberal.

Prosseguindo, afirma Lander, questionam-se as pretensões de objetividade e neutralidade dos principais instrumentos de naturalização e legitimação desta ordem social: o conjunto de saberes que conhecemos globalmente como ciências sociais, já também desconstruído por Foucault no livro *Arqueologia do Saber*. O trabalho de desconstrução, afirma Lander, é um esforço extraordinariamente vigoroso e multifacetado que se vem produzindo nos últimos anos em todas as partes do mundo. Entre as suas contribuições fundamentais se destacam, entre outras: as múltiplas vertentes da crítica feminista, o questionamento da história europeia como História Universal, a exigência de “abrir as ciências sociais”; os aportes dos estudos subalternos da Índia e a produção de intelectuais africanos. Lembremos que a inovação dos estudos da teoria da colonialidade é trazer essa proposta analítica para pensar a América desde América, ou seja, não se furtar ao trabalho de historiador e pensar o contexto social no qual esses intelectuais estão inseridos, ou seja, um conhecimento localizado.)

4 RESULTADOS

No primeiro evento, participaram cerca de 80 inscritos para a palestra, expandido o debate sobre a vivência de mulheres trans e bixas pretas para dentro e fora da universidade. Com a carta de repúdio organizada pela coordenadoria, foi possível alertar a população da região da tentativa de vereadores instaurarem um projeto de lei, que ia contra a vida de LGBTs da região, tentando precarizar ainda mais o atendimento e apoio necessário para que esse grupo, já marginalizado, tivesse algum tipo de respaldo institucional. A carta, que contou com o apoio de diversas instituições da cidade como o Ministério Público, organizações LGBT, o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Foz do Iguaçu, Assistência Social e Psicologia da Defensoria Pública do Estado do Paraná, entre outros. A carta teve a atenção inclusive de jornais e mídias da cidade. Por conta disso, foi possível conseguir uma reunião com o presidente da câmara municipal, insistindo em um debate urgente para que novos retrocessos não sejam possíveis na cidade.

Até o envio deste resumo, as oficinas formativas ainda estavam em fase de organização. Porém, já contava com cerca de 20 inscritos para participar das temáticas sobre Feminismo e questões étnico- raciais.

5 CONCLUSÕES

A partir do projeto, foi possível a criação de espaços mais preparados para discutir temas relacionados a diversidade. Assim como também, graças a ações diretas da coordenação e das entidades ampliou-se o debate com instituições de poder de Foz do Iguaçu a respeito de projetos e leis que implicam diretamente na vida de corpos e grupos dissidentes, além de dar visibilidade a tais grupos para falarem sobre si mesmos e sobre as políticas de seus corpos para pessoas que acreditam não fazerem parte dessa realidade.

Com o projeto Encontros pela diversidade, permanece de forma contínua a discussão sobre diversidade e tolerância dentro da região de Foz do Iguaçu.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. A vontade do saber. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina" en Lander (comp.) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, CLACSO, 2003.

RAGO, Margareth. "*Feminizar é preciso, ou por uma cultura filógena*". São Paulo: São Paulo em Perspectiva. Revista do Seade. 03/06/2001.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Curitiba. Editora Prisma, 2017.

SEGATO, Rita. "Territorio, soberanía y crímenes de segundo Estado: la escritura en el cuerpo de las muertas de Juárez". In: Perfiles del feminismo Iberoamericano. Catálogos, Buenos Aires, 2002.